



KnoWhy #365

Maio 22, 2018



Como o Livro de Mórmon promove o trabalho árduo e a autossuficiência?

“E aconteceu que eu, Néfi, fiz com que meu povo fosse industrioso e trabalhasse com as mãos.”

2 Néfi 5:17

O conhecimento

Após chegar ao Vale do Lago Salgado, Brigham Young ensinou: “Enquanto tivermos um solo fecundo neste vale e sementes para nele plantar, não precisamos pedir a Deus que nos alimente, e que nos siga com um pedaço de pão implorando-nos para comer. Ele não o fará, nem eu o faria se fosse o Senhor. Podemos alimentar-nos com o que colhemos aqui e se um dia encontrarmo-nos em tal situação que não o possamos fazer, será chegada a ocasião em que Ele operará um milagre para provernos o sustento.”

Essa declaração caracteriza a atitude de autossuficiência e de trabalho que os primeiros santos dos últimos dias tinham. O que levou esses pioneiros a adotar valores tão inspirados? O Livro de Mórmon certamente desempenhou um papel importante. De todos os nomes que poderiam ter dado a seu novo

território, os santos escolheram deseret— uma referência à “abelha de mel” encontrada em Éter 2:3. Em 1881, o Deseret News explicou: “A colmeia e as abelhas melíferas formam nosso brasão comunal. O símbolo é amplamente adotado em nossas instituições locais. É uma representação significativa da industriosidade, harmonia, ordem e frugalidade do povo e do doce resultado de seu trabalho, união e cooperação inteligente.

Várias passagens do Livro de Mórmon enfatizam esse princípio. Após chegar à terra prometida, Néfi relatou: “[E]u, Néfi, fiz com que meu povo fosse industrioso e trabalhasse com as mãos” (2 Néfi 5:17). Anos mais tarde, o rei Benjamim, apesar de ser o nefita mais proeminente e potencialmente mais rico de sua época, seguiu à risca o conselho de Néfi. Durante seu famoso

discurso, o rei Benjamim declarou: “E eu mesmo tenho trabalhado com minhas próprias mãos, a fim de vos servir; e para que não sejais sobre carregados com impostos” (Mosias 2:14).

Não apenas os reis justos trabalhavam ao lado de todos os outros, mas também os líderes religiosos. O rei Mosias ensinou que “todo homem estimasse o próximo como a si mesmo e trabalhasse com as próprias mãos para o seu sustento. Sim, e para que todos os seus sacerdotes e mestres trabalhassem com as próprias mãos para prover o seu sustento em todas as circunstâncias, a não ser em caso de doença ou de grande necessidade” (Mosias 27:4-5). Mórmon relatou que, após cumprir esses princípios, “o Senhor visitou-os e fê-los prosperar; e tornaram-se um povo numeroso e rico” (v. 7).

Em contraste, os lamanitas às vezes eram caracterizados como “um povo preguiçoso, cheio de maldade e astúcia” (2 Néfi 5:24). Em Mosias 9:12, Zênife relata que os lamanitas que submeteram seu povo ao cativeiro eram “um povo preguiçoso e idólatra” e que procuravam “fartar-se com o trabalho de [suas] mãos; sim, para poderem banquetejar-se com os rebanhos de [seus] campos”.

É importante ressaltar que Mórmon fez uma menção especial quando essas tendências sociais foram revertidas. Por exemplo, Noé — um rei nefita — construiu tronos extravagantes para que seus sacerdotes pudessem “descansar o corpo e os braços enquanto falavam a seu povo palavras falsas e vãs” (Mosias 11:11). Esses nefitas foram “sustentados, em sua indolência” por pesados impostos (v. 6). E quando um grupo de lamanitas “se arrependeram, vieram a conhecer a verdade” (Alma 23:15), somos informados de que eles “começaram a ser um povo muito industrializado” (v. 18).

Essas exceções mostram que, em vez de rotular injustamente as sociedades como preguiçosas ou trabalhadoras com base apenas em sua afiliação cultural ou tribal, Mórmon procurava contrastar padrões de comportamento. Seja em relação aos nefitas ou aos lamanitas, o trabalho honesto e a indústria sempre trouxeram o favor e as bênçãos do Senhor, enquanto a ociosidade e a desigualdade trouxeram a decadência social.

O porquê

Devido à ciência moderna, aos avanços tecnológicos e aos setores cada vez mais especializados, “trabalha[r] com [nossas] próprias mãos” é, frequentemente, bem diferente hoje do que era para a maioria dos cidadãos das sociedades antigas (Mosias 27:4). Muitos já não trabalham sob o sol escaldante em plantações e cultivos, atualmente há muitos ofícios não braçais, em ambientes com ar condicionado e iluminação artificial. No entanto, quer estejamos trabalhando nossa mente ou nossos músculos, colheremos as recompensas abençoadas do trabalho diligente e do serviço sincero.

Em relação ao que é considerado trabalho honesto, Élder Gordon B. Hinckley explicou: “Não importa se você escolhe ser comerciante, professor, carpinteiro, encanador, mecânico, médico ou seguir qualquer outro chamado. O importante é que eles se qualifiquem para serem trabalhadores úteis na sociedade”. O Élder D. Todd Christofferson ensinou de forma semelhante que uma “Uma vida consagrada é cheia de trabalho, às vezes repetitivo, às vezes braçal, às vezes pouco reconhecido, mas sempre um trabalho que melhora, que organiza, que sustém, que eleva, que ministra e que aprimora”.

Assim como o rei Benjamim e o rei Noé, muitos da elite social atual possuem recursos para nunca mais trabalhar em suas vidas. O contraste entre esses reis, no entanto, não poderia ser mais claro. O serviço consistente do rei Benjamim forneceu um exemplo duradouro de bondade e justiça para seu povo (Helamã 5:9). Por outro lado, o infame egoísmo do rei Noé fez com que seu povo finalmente se voltasse contra ele e o matasse (Mosias 19:2-10). Quer sejamos ricos ou pobres, ou se estivermos no meio termo, descobriremos que o trabalho significativo é uma chave essencial para a felicidade duradoura e o verdadeiro sucesso.

Por vezes, nos momentos finais da vida, as pessoas sentem o desejo de passar a tocha do trabalho para a próxima geração. Embora essa decisão possa ser prática e necessária nas questões de um emprego temporal, o presidente Dieter F. Uchtdorf ensinou que, quando se trata de servir no reino do Senhor, não há “licença-prêmio nem programa de aposentadoria”. Até o fim de nossa vida, cada um de nós tem a

obrigação de compartilhar e promover a mensagem do evangelho — a saber, trabalhar para o Senhor. Por exemplo, durante seu discurso, o rei Benjamim disse: “[E]stou para descer a minha sepultura” e “mesmo agora, todo o meu corpo treme muito enquanto me esforço para vos falar” (Mosias 2:28, 30).

Aos casais mais velhos que foram convidados pelos líderes do sacerdócio para servir como missionários de tempo integral, Élder Jeffrey R. Holland aconselhou: “Irmãos, quando isso acontecer, digam a sua esposa que, se vocês podem deixar a poltrona e o controle remoto por alguns meses, então ela pode deixar os netos. Aqueles queridos pequeninos vão ficar bem, e prometo que vocês farão por eles, no serviço ao Senhor, muitíssimo mais do que poderiam fazer se ficassem em casa mimando-os”.

O Livro de Mórmon ajuda a demonstrar que nenhuma classe ou idade de pessoas está isenta da lei básica de trabalho do Senhor dada a Adão e Eva: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que retornes à terra” (Gênesis 3:19). Ele também revela o nítido contraste entre os trabalhadores e os ociosos. As sociedades e indivíduos que trabalham diligentemente e servem uns aos outros são abençoados pelo Senhor e prosperam.

Juntos, criam a terra prometida, uma terra de leite e mel, assim como os primeiros santos dos últimos dias criaram em seu belo território de Deseret. Os que dependem indolentemente de outros sem trabalhar por conta própria sempre sofrem consequências trágicas, tanto temporal quanto espiritualmente.

Leitura complementar

Val Brinkerhoff, “The Symbolism of the Beehive in Latter-day Saint Tradition”, BYU Studies Quarterly 52, no. 2 (2013): pp. 140–150.

D. Todd Christofferson, “Reflexões sobre uma Vida Consagrada”, A Liahona, novembro de 2010, pp. 16–19, disponível em lds.org.

Dieter F. Uchtdorf, “Dois Princípios para Quaisquer Condições Econômicas”, A Liahona, novembro de 2009, pp. 55–58, disponível em: lds.org.

Notas de rodapé

1. Discourses of Brigham Young, selected and organized by John A. Widtsoe, 2nd edition (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1926), p. 453; citado em Teachings of Presidents of the Church: Brigham Young (Salt Lake City, UT: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1997), p. 28.
2. Ver J. Michael Hunter, “The Mormon Hive: A Study of the Bee and Beehive Symbols in Nineteenth-Century Mormon Culture” (tese de mestrado, California State University Dominguez Hills, 2004), p. 76.
3. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “De onde vem a palavra ‘Deseret’? (Éter 2:3)”, KnoWhy 236 (27 de outubro de 2017).
4. “Deseret”, Deseret Evening News, 11 de outubro de 1881, p. 1; conforme citado em Hunter, ‘The Mormon Hive’, p. 108.
5. Para saber mais sobre como os nefitas e lamanitas são contrastados no Livro de Mórmon, consulte Steven L. Olsen, “The Covenant of the Chosen People: The Spiritual Foundations of Ethnic Identity in the Book of Mormon”, Journal of the Book of Mormon and Other Restoration Scripture 21, no. 2 (2012): pp. 25–26.
6. Gordon B. Hinckley, “Watch the Switches in Your Life”, Ensign, novembro de 1972, disponível em: lds.org.
7. D. Todd Christofferson, “Reflexões sobre uma Vida Consagrada”, A Liahona, 17 de novembro de 2010, disponível em: lds.org.
8. Ver Lee L. Donaldson, “Benjamin and Noah: The Principle of Dominion”, em Mosiah, Salvation Only Through Christ, Book of Mormon Symposium Series, Volume 5, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate, Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1991), pp. 49–58.
9. Dieter F. Uchtdorf, “Dois Princípios para Quaisquer Condições Econômicas”, A Liahona, novembro de 2009, p. 57, disponível em: lds.org.
10. Jeffrey R. Holland, “Somos os Soldados”, A Liahona, novembro de 2011, p. 46, disponível em: lds.org. Élder Holland reconheceu que, por várias razões, nem todos os casais poderão servir como missionários de tempo integral: “Irmãos, por motivos de saúde, familiares e financeiros, sabemos que alguns de vocês talvez não possam ir agora, ou talvez nunca. Mas, com um pouco de planejamento, muitos de vocês podem fazê-lo” (p. 46).
11. Ver Val Brinkerhoff, “The Symbolism of the Beehive in Latter-day Saint Tradition”, BYU Studies Quarterly 52, no. 2 (2013): p. 142.
12. Deve-se observar, entretanto, que tragédias e circunstâncias desfavoráveis podem ser resultado de uma variedade de causas que nada têm a ver com ociosidade ou pecado em geral.